

A BATALHA

DIÁRIO DA MANHÃ

Fedactor principal — ALEXANDRE VIEIRA

Propriedade da Confederação Geral do Trabalho

Editor — Carlos Maria Coelho



PORTA-VOZ DA ORGANIZAÇÃO OPERÁRIA PORTUGUESA

ANO IV — Número 1.183

Quarta-feira, 4 de Outubro de 1922

PREÇO — 10 CENTAVOS

Redacção, Administração e Tipografia
Calçada do Combro, 38-A, 2.º — LISBOA — PORTUGAL

Endereço telegráfico: Talhadas-Lisboa-5333-0

Officinas de impressão — Rua de Atalaia, 114 e 113

O III Congresso Operário Nacional

Impressões rápidas—Os alojamentos são insuficientes
—Um dormitório onde se alojam 100 delegados

A Covilhã tem duas fisionomias que se contradizem: a que lhe é imposta pela natureza e a que os habitantes lhe dão. Enquanto a primeira é activa, dum orgulho tranquilo e majestoso, a segunda é duma humilde, aspera, falsamente civilizada; é retinida nas construções, tortuosas e esguias, arruamentos, ruidosa quando a pretensão arquitectónica a contorna. A religião desempenha um certo papel nas almas e penetra como motivo decorativo em muitos lares. O Cristo esculpe dores e sangue em crucifixos e em estampas; há Cristos de todas as dimensões e de todas as qualidades. Há Cristos de gesso, Cristos litográficos, agitados, grosseiramente desenhados e até abundantemente oleosos.

Dois lugares, entre si, dispõem de grande concorrência: as igrejas repletas, feias e silenciosas, e as tabernas sordidas, lugubres, acanhadas e ruidosas. Reza-se muito e bebe-se muito. Na Covilhã consome-se muito vinho e muita religião. Por isso não faltam aqui os taberneiros e os podres.

OS PARADOXOS DE TIBURCIO QUINTAS

Encontrei-o ontem pela primeira vez após o eclipse de um ano e meio; desde que, muito instado pela direcção de uma grande Empresa, liquidara o pequeno estabelecimento de tabacos, jornais, loterias, etc., para lhe entregar a chave, mediante a verba aproximada do custo do prédio, pouco antes adquirido pela Empresa para a sua instalação.

Caminhava vagarosamente, apoiado a uma grossa bengala, arrastando a perna direita.

Porque durante o eclipse tiveram lugar diversos episódios na cena política deste minúsculo México europeu, encontro com o meu velho amigo foi para mim um encontro inesperado e curioso em conhecer as suas impressões a respeito, principalmente, do chamado cubismo; não podia, pois, perder tão belo ensejo.

Estendi-lhe a mão com alvoroço e... — Isto vai mal, meu caro; o cubismo é uma molestia estúpida, estupidamente irritante, massadora, aborrecida; porque não aia nem desata.

— Apesar de residir a um tiro de espingarda do outorgante da carta constitucional, há seis meses que não via, ali hoje pela primeira vez, dirigindo-me logo para o Rocio, que desapareceu, mas o mostro lá está e estará no cimo do castiçal. O Rocio saiu, mas o castiçal ficou! E não há um anarquista que faça explodir meia dúzia de bombas de cambrilho na Câmara Municipal em sessão plenária!

— Esquece que são seus correligionários os que seriam alvejados... interrompi.

— Não tenho afinidades políticas com anarquistas; continuo; de resto, estou totalmente emancipado; hoje a minha liberdade é absoluta.

— Efeito do reumatismo, sem dúvida; interrompi de novo — o sofrimento torna-nos pessimistas.

— A coisa é outra; se bem que o reumatismo predispõe, com efeito... Seis meses pregado no leito sem poder pregar olho, calcule você... Cheguei a planejar a liquidação desta carcassa.

— Número um, como sabe, nada me preocupava. A coisa estava resolvida, mas assalta-me uma ideia terrível e me espavorida: — a reportagem! Ah! A reportagem! O mais valente, o mais corajoso, o mais intrépido, recua perante o espectro da reportagem! Cinco mil pessoas dos dois, dos três sexos, sabiam no dia seguinte qual o recheio do meu quarto de cama de solteiro.

— Venha daí; vamos tomar cerveja e cavaque; preciso descarregar a bala. Como a Nora de «A Casa de Bonecas» precisou explodir.

— Acedi ao convite, não pela bebida que detesto e porque só bebo água quando tenho sede, mas para satisfazer a curiosidade.

Conversámos largamente, mas a breve trecho constatei que o reumatismo e os contenciosos políticos haviam destruído por completo o meu velho amigo.

A jovialidade, o bom humor, aquelas efusivas saudades, por vezes polvilhadas da pimenta boçalgna e que desarmavam o mais ortodoxo moralista, todas essas manifestações de um cérebro bem equilibrado, duma mentalidade robusta e sadia, tudo isso havia acabado num pessimismo sombrio, amargo, cujo sofrimento não deixava transparecer mas que, não obstante, se adivinhava.

O bom humor fora vencido pela misantropia explosiva em sarcasmos dilacerantes, em conceitos paradoxais.

— Mas você, de certo, aplaudiu a revolta outubrista... inquiri vivamente interessado.

— O outubrista? Mas isso foi o mar de lama onde naufragou a barça da democracia!

— Democracia!... que me diz você!

— E! positivamente não; que acabo de afirmar-lhe, não tenho a menor dúvida.

— Nesse caso...

— Ser o que me vier. E! uma surpresa o que me veio, bem sei, é triste mas, a culpa não é minha... Desta vez rompi definitivamente; estou saturado de política e de políticos.

— Foi a atitude de O. Mundo que fez transbordar o vaso da minha indignação, recalcada durante meses por um resto de disciplina partidária. A atitude de O. Mundo, não sei se notou; correcta intuitivamente a ordem de despejo do ministro Granjo; ignobil carpiño sobre o cadáver do presidente.

— Que O. Mundo estava comprometido o regime pactuando com a reacção clerical, não pode haver sombra de dúvida; o seu testamento é disso a prova provada.

— De forma que você desligou-se do partido.

— Absolutamente! Graças a Deus onde pude gramar, por disciplina, o indivíduo que, como eu, nunca solicitou o mínimo favor do chefe do seu partido, no qual estava filiado por simpatia, por concordância com o seu programa. Desliguei-me desiludido, revoltado, enojado com o cinismo, a falta de carácter, a brandieira a que desceu o único partido do regime que julguei honesto e digno.

— Enganei-me, confesso, e, deixo-me dizer-lhe, não foi o Outubrista que me abriu os olhos; muito antes já eu estava desiludido e, se por vezes, nas nossas discussões eu invocava argumentos contra o seu radicalismo, era tam sómente para salvar a lógica, a coerência, por que, intimamente, eu estava em perfeito acordo com você a respeito do descrédito, do vazarismo que sintetiza toda a política em geral.

— De resto, se não salto para o campo extremista onde você se encontra e por que o coração domina o cérebro; não posso emancipar-me de uma coisa que é a única e a mais corrente.

Conferência Nacional Gráfica

A regularização da publicação do *Gráfico*, segundo número da ordem dos trabalhos, deve merecer aos conferentes particular atenção, porque da existência do órgão federativo depende, até certo ponto, a manutenção da organização gráfica, o seu desenvolvimento e o êxito da necessária propaganda para a exequibilidade dos restantes trabalhos da conferência. A regularização da publicação do *Gráfico* depende de favoráveis condições financeiras.

Deve continuar a ser distribuído *gratuito* e a Federação não tem recursos para o manter. Só uma solução se apresenta: o rateio do seu custo pelos sindicatos aderentes, na proporção dos seus respectivos contribuintes. Se os sindicatos assim o entenderem, poderão por sua vez ratear a sua contribuição pelos seus respectivos contribuintes, sob a forma de cotização suplementar; se preferirem elevar a cota de forma a ser suficiente para esta e outras despesas de ordem especial ou geral, também a sua contribuição à Federação pode ser feita pela elevação do preço do *Sêlo-cota*.

Para a publicação do *Gráfico* como para outros trabalhos federais devem os sindicatos contribuir proporcionalmente nas cotizações suplementares como já contribuem na cotização efectiva e não só por isso como por princípio de boa moral e conveniências de origem financeira é preciso actuar de forma a estabelecer a uniformidade das cotizações, 3.º n.º da ordem de trabalhos. Observa-se actualmente que enquanto em algumas Associações a cota sindical é de \$15, noutras é de \$20, \$10, etc. Os sindicatos que adoptam inferior cotização, não podem, evidentemente, manter-se, contribuindo em tanto como os que adoptam uma cotização superior. As circunstâncias, pois, impõem a uniformidade das cotizações além da sua elevação sobre a qual, provavelmente, se pronunciará o Congresso Operário Nacional.

A conferência deve pronunciar-se também sobre a conveniência ou inconveniência da instituição do *Cofre de Solidariedade Gráfica*, 4.º n.º de ordem. As suas resoluções deverão estar em harmonia com as deliberações do Congresso Operário Nacional e nesse respeito resolver sobre o destino a dar ao fundo existente e a ele destinado pelo Conselho Central da Federação.

Do n.º 5.º da ordem depende o fortalecimento da organização gráfica. A necessária propaganda para a criação de novos sindicatos, o encargo de velar pela sua manutenção e robustecimento, os trabalhos a efectuar junto deles como sejam os de estatística, propaganda, educação social, instrução profissional, etc., demandam enormes despesas com delegações a partir de Lisboa, quando é certo existirem organismos cuja sede é mais próxima dos pontos a atingir. A descentralização destes serviços tem vantagens para a organização gráfica.

Não só diminuem despesas com essas delegações, como facilita esses trabalhos visto os delegados dos organismos mais próximos estarem mais integrados no ambiente regional em que se pretende agir e portanto conhecerem melhor a forma de actuar para o êxito dos fins em vista.

E! claro, visto a contribuição ingressar no cofre federal, deve partir o subsídio para essas despesas, muito embora elas sejam feitas por delegados dos organismos aderentes.

A assistência às Juventudes Sindicadas, 6.º n.º da ordem, é simultaneamente, o cumprimento dum dever e a providência dum benefício de ordem orgânica, cumprimento dum dever porque, realmente, a organização tem descurado a protecção às Juventudes, deixando-as entregues aos seus próprios recursos que, no entanto, são insuficientes para a protecção das Juventudes, devidamente protegidas em todos os campos, há a esperar larga colheita de benefícios para a organização. Todos sabemos que também são fracos os recursos financeiros dos Sindicatos gráficos, motivo porque a eficácia das deliberações sobre este assunto, dependente das resoluções tomadas sobre a uniformidade e elevação das cotizações sindicais.

Paulo Eduardo dos Santos

Faz hoje, pelas 18 horas, um ano, que faleceu este saudoso camarada, que em vida foi um activo militante das Juventudes Sindicadas.

Pervoso, amante da Liberdade, nunca em vida mudou sacrifícios quando era preciso nos momentos mais críticos defendê-la. A sua moicidade sacrificou-se, pela emancipação humana.

Mercê da luta, ele tinha adquirido uma tuberculose que o vitimou na Bastilha de Monsanto, onde se encontrava a ordem dos senhores desta libérrima República, pela qual tempos antes tinha arriscado a sua própria vida, lutando quando da insurreição monárquica.

Não podendo o Núcleo da Juventude Sindicalista de Lisboa, onde este saudoso camarada era filiado, prestar-lhe homenagem como devia em virtude de várias circunstâncias contrárias à sua vontade, lembra porém a todos os camaradas o aniversário do falecimento daquele mártir.

A explosão de 29 de Dezembro último

Saiu ontem do hospital uma das vítimas

Da enfermaria de Santo António do hospital de S. José, teve ontem alta, Manuel de Castro Simões, de 19 anos, natural de Souzel, que foi vítima da explosão sucedida em 29 de Dezembro último.

Recolheu ao Limoeiro.

Organização Social Sindicalista

É um livro que deve sem demora ser adquirido pelo proletariado.

Leitura sugestiva

Ensinaamentos proveitosos

Útil, necessário, indispensável.

A venda na administração da *Batalha* ao módico preço de 2 escudos. — E. V.

Notícias diversas

No ministério das Colónias, está aberto concurso para admissão de alunos de ambos os sexos da escola de enfermagem do Hospital Colonial de Lisboa.

Em 4 de Setembro e um do corrente.

Com um descaramento inaudito, os negociantes elevam os preços dos géneros de primeira necessidade a uma quantia fabulosa.

Na Praça da Figueira venderam-se ontem batatas a 1 escudo o quilo!

SITUAÇÃO DIFÍCIL PARA QUE "A BATALHA" VIVA é necessário que o operariado -- lhe dê a sua solidariedade --

Vão ser presentes ao Congresso Operário Nacional, ora reunido na cidade da Covilhã, as contas de *A Batalha*. Por elas poderão os delegados presentes avaliar a situação financeira desta folha e ainda para de futuro habilitar a C. G. T. a fazer face à manutenção do seu órgão.

Pelo último balanço fechado em Julho do corrente ano, verifica-se que *A Batalha* durante 7 meses que decorreram de Janeiro a Julho, apresenta um «defeito» de 23.069\$24.

Não se pode dizer que tenha havido má administração, porque os números falam na sua clara e bronzeada linguagem, não se podendo, também, exigir mais com os deficientes recursos de vária ordem de que *A Batalha* dispõe.

Sabemos-lo todos que há grandes deficiências, e melhor o sabem aqueles que diariamente aqui empregam a sua actividade, o quais os factores dessas deficiências, que só poderão desaparecer desde que *A Batalha* tenha recursos para cumprir fielmente a sua missão a fim de poder satisfazer as exigências do nosso meio social.

A imprensa atravessa uma grave crise e o principal factor é o papel que atingiu já um aumento de 2.000 % estando já anunciados outros aumentos que se elevarão de 2.500 a 3.000 %!

Não há justificação possível para se vender o papel a 1\$90 e muito em breve a 2\$50 o quilo. Apenas justifica a derrocada material a que tudo isto chegou.

Embora seja importada a matéria prima, esta só entra num percentagem inferior a 30 %. Pago que seja em ouro, só podia contribuir para um aumento em relação aos demais artigos, e assim o papel podia, muito bem, vender-se a \$80 e, com o último agravamento cambial, no máximo a 1\$20.

Por acaso a Prado paga aos seus operários em ouro? Os irrisórios salários desses infelizes apenas atingiram um aumento de 800 %, enquanto que os géneros

A Batalha, durante a sua existência, tem gasto de papel cerca de 185 contos. Pois podemos dizer afortunadamente que 93 contos foram absorvidos nas mandíbulas desse monstro.

A classe operária é que tem coberto o *deficit* desta rebelde folha com o sacrifício da sua existência. E! a ela, pois, que nos dirigimos no presente momento. Se continuarmos assim com o actual *deficit*, que passa de 3.000 escudos por mês, seremos forçados a elevar o preço do jornal ou a reduzir o número de páginas.

Qualquer destes salvatérios são insuficientes para tapar a boca ao monstro insaciável.

Subvenções

Um nosso colega da noite, de ontem, informava que «já foi autorizado, ou seja brevemente, o pagamento da diferença das subvenções para o coeficiente 12, respeitante aos meses de Julho e de Setembro».

Como se sabe — acrescentava o nosso colega — um recente decreto restabeleceu aquele coeficiente, que tinha sido reduzido a 9, tendo-se verificado posteriormente que essa redução não estava no espírito da lei n.º 1.355.

Como, porém, o nosso informador ontem nos disse que não havia sido a Direcção Geral da Contabilidade Pública que propusera a redução para o coeficiente 9, parece-nos, pois, que a informação do nosso colega tem fundamento.

CARESTIA DA VIDA

Do Commissariado dos Abastecimentos, recebemos com o pedido de publicação, a seguinte tabela de preços dos géneros de primeira necessidade, respectivamente nos estabelecimentos comerciais e nos Armazéns Reguladores:

Azeite, 4\$80 e 3\$80; Açúcar branco, 2\$60 e 2\$80; Açúcar médio, 2\$40 e 1\$80; Arroz, 1\$40 2\$00 e 2\$50; Alhos, 2\$60 e 1\$20; Banha, 4\$80 e 4\$40; Bacalhau, 5\$40 e 3\$60; Batata, 70 e 55; Café, 4\$00 e 3\$20; Cebola, 50 e 40; Chouriço de Carne, 7\$60 e 6\$40; Farinha, 6\$00 e 4\$50; Farinha de trigo, 2\$40 e 1\$50; Feijão branco, 1\$20 e 80; Feijão rajado, 1\$40 80; Feijão frad, 1\$10 e 60;
Feijão mistura, 80 e 60, Grão grande, 1\$40 e 85; Pimentão, 8\$00 e 4\$30; Sabão azul ou rosa de 1.º, 3\$40 e 3\$00; Sabão amarelo, 1\$30 e 1\$00; Sêmia 4\$5 e 3\$6; Tencincho, 4\$00 e 3\$60; Vela, 2\$00 e 1\$60.

A partitura da peça "Ovo de Colombo"

Por uma carta firmada pelo empresário do teatro Apolo, sr. Luis Ruas, e que tivemos ocasião de ver, verifica-se ser infundada a queixa a que se deu publicidade nos jornais da manhã de ontem e relativa à venda da partitura da peça *Ovo de Colombo*, pelo sr. Antonio Macedo ao empresário acima citado.

O sr. Ruas declara que a referida partitura não lhe foi vendida e que está inteiramente à disposição do maestro Alves Coelho, autor da queixa em questão.



COVILHÃ — Vista geral

A realização do Congresso Operário transformou momentaneamente a cidade. Se não se transformou na torre de Babel quanto às línguas — os delegados estrangeiros não passam, neste momento, duma ansiosa interrogação — é bem babélica quanto às pronúncias.

Porque o Portugal, operário, sindicalista, vermelho, vindo aqui pronunciar-se sobre os pontos de vista que no Congresso serão debatidos, pronuncia em toda a cidade os seus sotaques, característicos e antagonísticos. Por isso a Covilhã, a par do Congresso operário, se está realizando o das diferenças e regionais maneiras de falar a língua portuguesa.

Esta algarviada confusa e pitoresca, fala, canta, declama sindicalismo revolucionário. A cidade contagiada evoluiu — para tema das suas conversações, excepção feita ao comércio local, que só discute e conversa sobre o que vende e o que lucra.

Mas, não é só nas conversações que a cidade sob o ponto de vista operário, se transformou.

Assim o proletariado covilhanense tomou a deliberação de trabalhar menos. Essa deliberação merece ser aplaudida, visto ser sensata, mas deve ser lamentada, porque foi restringida aos dias em que o Congresso funciona. Durante esse tempo, estão paralisadas os serviços e as horas extraordinárias que são, quanto ao pagamento, tam ordinárias e mais dolorosas que as deviam ser.

Na União Sul Africana

As vítimas da última greve — E! preciso socorrê-las

Ainda não foi esquecida a grandiosa greve dos mineiros do Rand, no Transvaal, que chegou a ameaçar a hegemonia britânica naquelas regiões ricas de preciosos minerais. A greve foi agendada por meio de operações militares sob a direcção do general Smuts.

Os mineiros combateram como heróis, mas inferiores em armamento e organização tiveram de ceder, depois de terem sido trucidados pelas bombas e artilharia do governo. As forças defensoras e mantenedoras da ordem fizeram milhares de prisioneiros, que jazem agora nos cárceres do Estado Sul-Africano.

Alguns centenas deles foram processados por alta traição e assassinio, em virtude dum velho lei holandesa.

Do processo não há notícias precisas. A imprensa mantém o mais absoluto silêncio, mas parece, que já foram muitos condenados a morte, e que muitas sentenças de morte ainda serão pronunciadas.

A solidariedade internacional deve intervir prontamente, para que se não juntem novas vítimas a que já foram imoladas aos riquíssimos acionistas das poderosas companhias que exploram o extremo sul do continente africano.

INSTRUÇÃO

Terminou no dia 6 o prazo para entrega de requerimentos de admissão à frequência dos cursos da Escola Profissional Fonseca Benevides, bem como de quaisquer exames dos referidos cursos.

"O TRABALHO"

Ler na 3.ª página, o folhetim

Ferrovieiros da C. P.

Nota oficiosa

A comissão de melhoramentos do Sindicato Ferrovieiro, avistou-se ontem com o sr. Alfredo Pinto, chefe do gabinete do sr. ministro interino do comércio, o qual declarou achar justas as reclamações apresentadas, especialmente as que se referem ao pessoal das oficinas e depósitos, tanto mais que a Companhia há já tempos se comprometeu a equiparar os seus vencimentos aos da indústria particular, o que até agora ainda não cumpriu, apesar do recente aumento de tarifas.

O sr. Alfredo Pinto comprometeu-se a dar uma resposta à Comissão no próximo dia 6, convidando-a a avistar-se com ele nesse dia, para tal fim.

Continua sendo recebido numeroso expediente de protesto contra a Ordem do Conselho de Administração n.º 90 que é repudiada por todo o pessoal.

A classe está bastante agitada; porém, esta comissão recomenda a maior calma a todo o pessoal, especialmente ao da linha e oficinas, pois que qualquer precipitação só viria prejudicar todo o seu exaustivo trabalho, tencionando brevemente dar contas dos trabalhos realizados, numa assembleia expressamente convocada para esse fim.

A Comissão de Melhoramentos continua em sessão permanente e vai fornecendo à imprensa notas oficiais sobre a marcha dos trabalhos, devendo todos os ferroviários segui-la com o máximo interesse.

Ler na 3.ª página, o folhetim

"O TRABALHO"

Ler na 3.ª página, o folhetim

Os sindicalistas alemães e a I. S. V.

Declaração de princípios que se aproxima das bases fundamentais da Primeira Internacional

A experiência feita na Rússia e noutros países levou o comité executivo da I. S. V. a concluir que o domínio sobre a classe trabalhadora só pode ser realizado por uma grande parte das massas trabalhadoras se agrupam—voluntariamente ou livremente—em volta da bandeira do comunismo. Era preciso, pois, encontrar meios para atrair essas massas. Os partidos comunistas não forneciam o número de homens necessários; pensou-se que os sindicatos completariam o deficit. Estas considerações conduziram o Executivo da Internacional Comunista a criar uma Internacional Sindicalista, cuja última ideia (expressando o pensamento da Terceira Internacional) era a seguinte: «estar ligada organicamente à Terceira Internacional».

O partido comunista procurou, numa forma ou noutra, aproveitar-se das grandes massas de trabalhadores que se encontram nos sindicatos reformistas.

A ideia da conquista dos poderes políticos encontrava o seu digno «pendente» na conquista das organizações operárias. Mas como isto não podia ser realizado por intermédio da Terceira Internacional, organizou-se um «arranjo» especial — a *International Sindical Vermelho*.

Um partido político não pode, portanto, explorar uma situação revolucionária senão quando dispõe pelo menos duma parte da classe trabalhadora revolucionária. Por conseguinte a I. S. V. foi obrigada, a atrair para ela os sindicatos com tendências revolucionárias. Tratava-se, portanto, dos sindicalistas desta cor.

A tática da Terceira Internacional e da I. S. V. pode ser descrita da maneira seguinte: numa época revolucionária tudo será posto em jogo para assombrar os sindicatos revolucionários, por que estes últimos têm então uma importância bem marcada. Num período em que as probabilidades duma revolução são fracas, a conquista dos sindicatos reformistas será posta no primeiro plano. Esta linha de conduta é bem a que foi posta em prática pela I. S. V.

Durante os anos dos grandes problemas revolucionários, que acabam de decorrer, a I. S. V. queria atrair de todos os modos os sindicalistas.

Os sindicalistas alemães, assim como os sindicalistas dos outros países, quiseram reatar depois da guerra as relações internacionais, interrompidas pela grande morticínio dos povos. Revolucionários que ficaram sempre fieis aos seus princípios, durante e depois da guerra, enviaram, assim que lhes foi possível, um dos seus representantes à Rússia soviética, para examinar e sondar o terreno revolucionário.

Este representante achou que o movimento revolucionário da Rússia estava muito longe de ser alimentado somente pela actividade do partido bolchevista, mas que pelo contrário, este partido também depressa chegou ao poder, pôs-se a perseguir todos os outros revolucionários com um furor verdadeiramente feroz. Não somente os que queriam contestar o poder do partido bolchevista sofriam estas perseguições, mas também, sobretudo, os que lutavam contra toda a opressão política e contra toda a exploração económica, os anarquistas e sindicalistas revolucionários, assim

como uma parte dos socialistas-revolucionários da esquerda.

Imediatamente, depois da fundação duma Internacional Sindicalista Revolucionária, os sindicalistas alemães quiseram pôr-se em relações em primeiro lugar, com os que lhes ficavam ideologicamente mais próximos — com os que lutavam pelos mesmos fins, e tinham as mesmas tendências. Falamos dos sindicalistas russos, mas depois da conquista dos poderes políticos pelos bolchevistas, toda a possibilidade de propaganda das suas ideias lhes foi interdita.

O fim principal desta conferência era o de determinar duma maneira clara e precisa a atitude dos sindicalistas revolucionários a respeito do movimento internacional.

A presença do comunista russo, Bielenky, *sabotou* a conferência, e tornou os trabalhos extremamente difíceis. Está claro, que Bielenky não representava de forma alguma os interesses do sindicalismo revolucionário, mas sim as tendências políticas do partido comunista.

Apesar de todas as tentativas dos bolchevistas, para fazerem aceitar aos delegados presentes as condições que subordinariam os fins do sindicalismo a um partido político, a conferência recusou aceitar a forma da Ditadura do Proletariado, sobretudo graças à insistência enérgica das delegações alemã e sueca, que se declararam contra toda a ditadura. Os delegados franceses João Ceppie e V. Godoncheu desempenharam nesta conferência um papel muito ridículo. Eles apresentaram uma declaração escrita, e saíram da conferência, recusando-se a participar nos seus trabalhos até ao fim. Mais tarde, nas sessões dos sindicalistas minoritários no Congresso de Lille de 1921, Monnate explicou ao representante dos sindicalistas alemães, A. Souchy, que tinha sido ele que tinha enviado Godoncheu a Berlim com o fim específico de impedir por todos os meios possíveis a criação duma Internacional Sindicalista.

Foi assim que a *sabotagem* da Conferência pelo representante dos bolchevistas russos foi secundada por Monnate e consócios.

Apesar de todas as dificuldades dos trabalhos da conferência foram cristalizadas nas resoluções seguintes:

1. — A Internacional Sindicalista Revolucionária põe-se, sem nenhuma reserva, sob o ponto de vista da luta revolucionária de classes.

2. — A I. S. V. pretende a destruição do regime económico, político e moral do sistema capitalista e do Estado. Ela pretende fundar uma sociedade comunista livre;

3. — A classe operária não pode des-

truir a escravidão económica, política e moral do capitalismo senão pela aplicação mais severa dos meios, que o seu poder económico lhe dá, e que encontram a sua expressão na acção directa revolucionária da classe operária, que só é capaz de atingir este fim.

4. — A I. S. V. considera ao mesmo tempo que a organização e gestão da produção e da distribuição é tarefa que cabe às organizações económicas de cada país.

5. — A I. S. V. é inteiramente independente de todo o partido político.

No caso em que a Internacional Sindicalista Revolucionária se decide a uma acção, e que os partidos políticos ou outras organizações se declaram de acordo com ela, ou vice-versa, a execução desta acção poderá fazer-se em comum com estes partidos ou com estas organizações.

6. — A Conferência faz um apelo a todas as organizações sindicalistas revolucionárias e industriais, para que participem no congresso convocado para o Primeiro de Maio de 1921, em Moscú, pela Comissão provisória dos Sindicatos Vermelhos, a fim de se fundar uma Internacional Sindicalista Revolucionária englobando todos os trabalhadores revolucionários do mundo.

As calúnias contra os sindicalistas e as perseguições aos elementos avançados

Pouco depois da conclusão da Conferência, apareceu o 1.º número do órgão alemão *Der Kommunistische Gewerkschafter*, fundado sob os auspícios do Conselho Internacional Provisório. Bielenky publicou nele um artigo que não era mais do que um amontoado de mais grosseiras calúnias dirigidas contra os sindicalistas alemães. O relatório sobre a Conferência foi completamente falsificado, e tinha por fim dar a impressão que se acabaria bem depressa com os sindicalistas, que os sindicalistas alemães como os seus camaradas suecos não representavam mais do que uma seita, cuja desaparecimento próxima era inevitável, e cuja influência moral é nula.

Godoncheu era ali representado como a verdadeira amostra sindicalista. Sabemos hoje que ele abandonou completamente o caminho sindicalista, e está definitivamente ligado aos bolchevistas.

Um segundo tipo de modelo, em harmonia com os gostos de Bielenky era Jorge Hardy, o representante do I. W. W. dos Estados Unidos, que foi depois expulso por ele, porque a sua actividade estava em contradição flagrante com os princípios fundamentais dos industrialistas americanos. Bielenky, este representante oficial do Conselho Provisório dos Sindicatos Vermelhos, tinha previsto o fim obscuro do sindicalismo, e via nos indivíduos acima nomeados os verdadeiros representantes do movimento sindicalista revolucionário da França e da América. Mas nós estamos já franceses e os industrialistas da América a desembragarem-se desles-indignos representantes, e a darem provas duma tenacidade que a I. S. V. não esperava, certamente.

Os sindicalistas alemães submetteram ao membros das suas organizações as

entre o Sporting Club de Portugal, campeão de Portugal, e o Sport Club Marítimo do Funchal, campeão da Madeira, que está interessando vivamente todos os amadores de *sport* pelas categorias de campeão que os dois grupos alcançaram «mercé da sua pericia e do valor dos seus combatentes».

Os dois grupos devem, pois, pôr em execução os seus melhores e mais interessantes golpes, o que deve tornar o combate cheio de interesse e de emoção, sendo difícil de prever a qual deles caberá a vitória.

Federação Nacional das Cooperativas

Aviso convocatório

Não tendo concluído ainda ontem os seus trabalhos a Assembleia Geral Extraordinária iniciada no dia 11 de Setembro, foi o seu prosseguimento marcado para quarta-feira, 4 do corrente à mesma hora e no mesmo local.

Lições de uma porção de palha

Faz-se público de que, no dia 6 do corrente, pelas 12 horas e na estação do Barreiro, proceder-se-há à venda em hasta pública, em harmonia com os regulamentos em vigor, de uma porção de palha a granel, abandonada, com o peso aproximado de 30.000 quilogramas.

Arrematação será feita a quem maior lance oferecer sobre a base de licitação de \$04 cada quilograma.

Lições de uma porção de palha

O chefe do serviço do tráfego, A. J. V. do Bocage Lima

Isqueiros

Pedras, moais, tubos, rodas e mais artigos

Chegou nova remessa de rodas ocas. E quem vende mais barato

Pedidos a FRANCISCO PEREIRA IATA

Profundas das grandes mártires, que pareciam um canhão ao longe.

E Lucas, os olhos cheios desta visão, o coração alagado pelo destino daquela Josine, tão abandonada, tão miserável, ali no banco, ao seu lado, dizia de si para si que nessa infeliz

boa vida da derrocada do trabalho, mal organizado, desordenado, maldito. Era neste supremo sofrimento, neste sacrifício humano da triste creatura, que rematava o seu passeio, que vinham a dar os desastres da greve, os

corações e os cérebros turvados de ódio, a avidez egoísta do negócio, o álcool tornado o esquecimento necessário, o roubo legitimado pela fome, toda a velha sociedade desabando sob o acervo das suas iniquidades. E ouvia ainda a voz de Lange profetizando: «a catástrofe final que arrastaria esse

Beauchair corrupto e corruptor. E tornava a ver sobretudo as palidas raparigas errantes da rua, essa infima carne de prazer das classes industriais, essa voragem derradeira da prostituição onde o cancro do salarizado lança as operárias bonitas das fábricas. Não era para ali que Josine caminhava? Seduzida, mais tarde posta na rua, depois aproveitada pelos borrachões, a queda breve a faria tocar na lama. Sentia a submissão, amorosa, uma dessas mulheres ternas e adoráveis que são a um tempo a coragem e a recompensa dos fortes. E a ideia de a abandonar sobre o banco, de não a salvar do mau destino, penetrou-o duma tal revolta, que morria de pesar, se não lhe estendesse mão protectora e fraternal.

— Então? bem vê que não pode passar aqui a noite com essa criança. É preciso tornar para casa desse homem. Depois veremos o que se há de fazer... Onde é que mora?

— Perto daqui, no velho Beauchair, rua das Três-Luzes.

Ela explicou-lhe as coisas. Ragu habitava um pequeno alojamento de três compartimentos, na mesma casa que uma irmã dele, Adélia, que toda a gente chamava a Pitórra, sem se saber bem porque. E ela desconfiava que se realmente o Ragu não trazia consigo a chave, devia de tê-la entregado a Pitórra, que era uma mulher terrível, dura com as pobres raparigas. Depois, como ele falasse de ir tranquilamente pedir a chave a essa fúria, teve um calafrio.

— Oh não, a ela não. Detesta-me... Ainda se houvesse a certeza de lá estar o marido que é um excelente homem. Mas eu sei que ele trabalha esta noite no Abismo... É um mestre pudador chamado Bonnaire.

— Bonnaire, repetiu Lucas impressionado por uma recordação, mas vi-na primavera passada, por ocasião da minha visita ao Abismo. Conversei ali largamente com ele; esteve a dar-me explicações do trabalho. É um rapaz inteligente, e que com efeito me pareceu uma excelente criatura... Simplifica-se tudo, vou já conversar com ele sobre o seu caso.

Josine soltou um gemido de ardente gratidão. Tremia toda, as suas pobres mãos uniram-se num enlevo de todo o seu ser.

A BATALHA

NA PROVÍNCIA NOS ATREDORES Ponte do Lima

28 DE SETEMBRO

Mais uma... tourada

Chega a ser inacreditável que em plano século XX — o século das luzes, do progresso e da civilização dos povos — no dizer de alguns filósofos — a maldita raça burguesa, depois de explorar, vexar, maltratar e sugar até à última gota o sangue dos escravos que lhe enchem a panga e lhe garantem todos os privilégios que injustamente distrota e que tem de ser eliminados para bem de toda a humanidade — acabou também por fazer o mesmo a animais indefesos nesses espectáculos bárbaros, selvagens, sangüinolentos e destmanos que se chamam touradas!

E ao referir-me às touradas apenas quero aludir a uma que no dia 19 aqui se efectuou e com o mesmo programa se repetiu nos dias 20 e 24 do mês corrente.

A nossa burguesia, não sabendo como distrair a sua ociosidade e arranjar dinheiro para manter o seu predomínio político, económico e social — lembrou-se de construir neste burgo uma praça de touras.

São já bastantes as touradas que aqui se tem exibido e em todas elas se tem cometido as mais cruéis barbaridades em pobres e infelizes animais que não tem culpa alguma da maldade de certos homens que só estão a pedir misericórdia ou morada permanente nos lugares onde habitam esses mesmos animais.

Citarei, por exemplo, um ferro que esperaram num touro, numa parte do corpo onde já tinha ferimento, que lhe originou, com certeza, grandes dores, pois logo após que lhe espetaram o ferro deu-lhe uma gولada de sangue materialmente nessa sinistra e hedionda arena onde os facinorosos aristocráticos bailavam de olhos esgazados e voz fatiada, vestidos de domo e de príncipe, com o fim de se divertirem com animais, que apesar de irracionais, têm muito mais raciocínio do que alguns desses homens que inconscientemente, impedidamente, os oprimiam e feriam com pedregal de ferro cortantes...

A acrescentar a esta barbaridade temos um rapaz e duas raparigas que foram alitrados da praça abaixo por certa pessoa inconsciente, quando gratuitamente e sem autorização, se encontravam a ver essa cena abjecta, torpe e ridícula que vulgarmente se chama tourada. Porém, outro caso trágico se deu também e que merece ser registado nas colunas deste jornal — foi um touro que feriu gravemente na coxa direita o sr. José Manuel de Barros, por alicunha «Jeremias», quando fugia da manada e se dirigia para o Couto!

Se trouxesses os touros presos nada disso sucedia. Mas não. Os touros vivem soltos pondo em grave risco a vida dos cidadãos!

O sr. José Manuel de Barros em referência é uma pessoa idosa e ainda não está restabelecido do ferimento que recebeu. Quem o indemniza do dano sofrido? Pois ele não é nenhum novo rico nem nenhum assombrador, mas sim um pobre trabalhador do campo!

Vá, senhores do alto, tenham juízo! Acabem com as touradas, com esses espectáculos bárbaros que apenas rebatam um povo que se diz civilizado e que infelizmente o não é, enquanto existirem esses espectáculos e outros de igual jazel!

Tuna-orquestra dos empregados do comércio do Porto

Esteve no domingo passado nesta villa, onde foram gentilmente recebidos pelos pontelienses, que a esperaram com uma banda de música, e onde se faziam representar a corporação dos bombeiros voluntários, Associação Operária, etc., com os seus respectivos estandartes, a tuna-orquestra dos empregados do comércio do Porto que a noite deu um concerto em todos os espectadores, deixando em todos os espectadores a mais grata impressão pelo modo sapiente como souberam executar os trechos de música que lhes estavam confiados...

Rectificação

Na minha última correspondência sob o título: «celebre baptizado... dum coelho», onde se lê: «com a mesma fé, com a mesma crença religiosa, como costumam baptizar um animal racional, a quando da sua adulescência...», deve ler-se: «com a mesma fé, com a mesma crença religiosa, como costumam baptizar um animal racional» a quando da sua infância...

Como errar é próprio dos homens, espero, pois, que os leitores me perdoarão... C.

— Oh senhor, como é bom, quanto lhe agradeço!

Uma luz rubra e sombria vinha do Abismo, e Lucas desta vez viu-a de cabeça descoberta, o lenço todo roto caído para os ombros. Já não chorava, os olhos azuis brilhavam-lhe de ternura e a boca breve retomava o seu sorriso de criança. E delgada como era, muito flexível e muito graciosa, conservava uma expressão de infância, gaholeira ainda, simples e alegre. Os seus compridos cabelos loiros, dum loiro d'aveia madura, quasi desatados na nuca, faziam dela uma pequerrucha, que no seu abandono não perdera a candidez. E ele penetrado dum encanto infinito, cativado pouco a pouco, estava numa admiração comovida ante a deliciosa mulher que saía daquela espécie de mendiga que tinha encontrado mal vestida, apavorada, em lágrimas. Depois, ela contemplava-o com uma tal adoração, entregava-se-lhe tão ingenuamente, com toda a sua alma de pobre entre enfim socorrido, amado, Tam bonito, tam bom, lhe parecia-lhe como um deus, depois da brutalidade do Ragu. Ela teria beijado o vestígio dos seus passos, perna diante de dele de mãos postas, a sua mão esquerda apertando a direita, a mutilada, no pano manchado de sangue. E alguma coisa muito doce e muito forte, um laço de infinita ternura, de amor infinito, os ligava a ambos.

— O Nanet vai acompanhá-lo à fábrica. Conhecê-lhe todos os cantos.

— Não, não, eu sei o caminho...

Um povo de tudo para todos

CALENDÁRIO DE OUTUBRO

D.	M.	A.	H.	M.	S.	O. SOL
1	8	15	22	29
2	9	16	23	30
3	10	17	24	31
4	11	18	25
5	12	19	26
6	13	20	27
7	14	21	28

MARÉS DE HOJE

Praamar às 2,00 e às 14,17

Baixamar às 7,30 e às 19,47

CAMBIO

Países	Moedas	Ant.	Ontem
Alemanha	Marcos	453	4014
Áustria	Corões	812,1	...
Belgica	Francos	817,8	14850
Espanha	Pesetas	817,8	5.892
U. A.	Dólares	822,4	26.800
Francia	Francos	817,8	14.850
Holanda	Florins	817,8	9.965
Inglaterra	Libras	817,8	11.384
Italia	Liras	817,8	18.339
Suicia	Francos	817,8	4.810

CARTAZ

S. CARLOS. — A's 21,15 — «Alma forte».

S. LUIS. — A's 21 — «A Moreninha», opereta.

AVENIDA. — A's 21,15 — «Cama, mesa e roupa lavada».

POLITEAMA. — A's 21,15 — «Cuidado com a Fernanda».

EDEN TEATRO. — A's 21 — «As duas garças de Paris».

APOLLO. — A's 21,15 — «O cigarro brejeiro», revista.

COLISEU. — A's 20,30 e 22,30 — «Tic-Tac», revista.

CIRCO ROYAL. — A's 20,30 e 22,30 — «Circus Varietades».

GIL VICENTE. — A's 21 — «Miss Olga» — Espectáculos aos domingos, segundas e quintas-feiras.

CHIA DO TERRASSE. — A's 21,15 — «Amatogro».

OLIMPIA. — Amatogro.

CONDES (Avenida). — Amatogro.

CENTRAL (Avenida). — Amatogro.

ROSSIO (Arco Bandeira). — Amatogro.

CHANTECLER (Avenida). — Amatogro.

IDEAL (Loreto). — Amatogro.

EXCELSIOR (Teatro dos Dólos). — Espectáculos cinematográficos, às 20,30.

PROMOTORA (ao Calvário). — Amatogro.

a. Só até Queluz. — b. Só aos domingos e feriados. — c. Não há aos sábados. — d. Só aos sábados. — e. Só nos dias úteis. — f. Só de Queluz.

Conselhos, Fórmulas, Receitas, etc.

VULGARIZAÇÕES

Penas de escrever. — Na mais remota antiguidade empregava-se para gravar ou escrever nas tábuas, papíros ou encerados, uns punções de marfim, osso ou madeira, a que chamavam estílos (stylus). Mais tarde, no tempo do império romano, esses estílos foram substituídos por *calamos* e por *penas* (calamus scribae pennae).

Como está indicando a etimologia das mesmas palavras, o *calamo* era um pequeno talo de planta fistulosa, que se aafiava para escrever, e a *penna* era uma pena de ave.

No século VII, o autor da Etimologia, que dizem ser Santo Isidoro de Sevilha e que parecia ser o escritor mais antigo, descrevia nesse livro a pena destinada à escrita, dizendo que se aguçava na extremidade, dividindo-a na ponta em duas partes iguais até certa altura, ficando intacta a parte restante. Por onde se vê que as penas de escrever eram já naquele tempo empregadas da mesma forma que ainda o foram em nossos dias, antes das penas metálicas que as substituíram.

HIGIENE E MEDICINA

Contra as rugas. — Em Paris, terra em que muito se cuida da beleza física, multissimas mulheres usam um processo, mórde do qual previnem o aparecimento das rugas ou fazem desaparecer as que porventura tenham aparecido já.

O rosto lavam-no o menor número de vezes que é possível; claro é não faltando aos preceitos da higiene. Todos os dias aplicam uns tantos minutos a uma sessão de massagem que elas próprias executam. Passam repetidas vezes os dedos ao longo da testa, aos cantos dos olhos, das asas do nariz para as faces desta maneira deslizando a pele em todos os pontos onde ela tende a enrugar evitam que se formem aquelas linhas e rédes que, embora tenuíssimas,

macilam a pele das maiores belezas ao fim de um certo número de anos.

É preciso banir o uso do pó de arroz, e quaisquer outros perfumes que apenas podem ser feitas com água de arroz que é muito refrigerante.

Usando metódicamente deste processo, há muitas mulheres que chegam aos sessenta anos sem que tenham uma só ruga.

ARTES E INDUSTRIAS

Impermeabilização simples. — Os sacos, mochilas, polainas, etc., de tecido grosso impermeabilizam-se facilmente barrando-os bem com uma mistura de talco com 50 por cento de vaselina.

É preferível empregar vaselina vermelha, por ser mais barata e dar ao objecto uma bonita cor kiki.

Estende-se a pasta sobre o tecido, esfregando-o bem com uma escova para garantir a penetração íntima. Em cada metro quadrado empregam-se 100 gramas de pasta, pouco mais ou menos, o que sai por um insignificante preço.

O tecido assim preparado fica perfeitamente impermeável à chuva e pode-se limpar com facilidade porque a lama adere mal ao tecido enaseado. A pasta indicada não suja as mãos.

Douradura do ferro, aço e cobre. — Esfrega-se o ferro e o cobre muito de leve com pedras porosas, aquece-se até que esteja de um azul fraco; aplica-se o ouro em folha e alisa-se levemente com um brunidor, torna-se a pôr ao fogo e renova-se esta operação três ou quatro vezes, segundo a cor do dourado que se quer obter, e bruno-se bem, depois de fria a peça.

DE ALGURES: — Todo o juízo é pouco quando tem de tratar-se com um tódo.

Não o acorde, preserve-o do frio. Espremem-me aqui ambos tranquilamente. Deixou-o no banco, com a criança adormecida, pela noite negra. E ao separar-se, um grande clarão iluminou o promontório dos Montes Heures, à direita, por cima do parque da Créche, onde era a habitação de Jordane, Divisou-se o perfil sombrio do altar fono, no flanco da montanha. Era uma corrente de matéria em fusão, e todas as rochas vivinhas, todos os teclados, de Beauchair resplandeciam como que uma claridade rutilante de aurora.

Bonnaire, o mestre pudador, um dos melhores operários da fábrica, tinha representado um grande papel na última greve. Espírito justo, que as iniquidades do salarizado revoltavam, na leitura dos jornais de Paris havia uma certa instrução revolucionária, em que havia bastantes lacunas, mas que o tinha feito partidário retinto da doutrina colectivista. De resto, como ele dizia muito judiciosamente, com o seu belo equilíbrio de homem laborioso e saudável, continha-se nessa doutrina e sonho que os homens se esforcem por atingir um dia; e por agora tratava-se de obter a maior dose de justiça imediatamente realizável, para que os camaradas sofressem o menos possível.

(Continua)

Mano postal

Tomar. — A. Graça. — O livro indicado não temos. Sobre o assunto pode consultar o nosso anúncio da Biblioteca Profissional.

Ermidas. — B. L. Pereira. — A vossa assinatura, termina em 8 do corrente. Deve enviar, em carta registada 7550 para 3 meses.

Porto. — E. U. — Só enviamos livros quando as encomendas se façam acompanhadas da importância respectiva.

Lisboa. — S. S. — Temos todos os exemplares que trazem o novo folhetim.

Bordeira. — A. Mendes Pinto. — Recebemos 7550. Pague até 22 de Dezembro.

Setúbal. — F. J. B. — Ficou pago até 31 de Dezembro.

Ervedal. — Associação dos Rurais. — Recebemos 7500 de cota de 5 centavos.

Sabóia. — G. M. Alves. — Ficou pago até 23 de Dezembro. O Neves Anacleto não tem vindo por aqui há dias.

N.º 9 — Folhetim de A BATALHA

4 de Outubro de 1922

ÉMILE ZOLA

TRABALHO

Em seguida vem o drama inevitável da operação bonita, o sedutor que passa, esse Ragu fêmeiro, algoz de corações, pelo braço do qual ele fez a tolice de passar aos domingos, depois da dança. Eram tão belas as promessas que ele lhe fazia via-se desposada, com uma linda casinha, criando o irmão mais os filhos que lhe vissem. O seu erro foi ter-se-lhe abandonado, numa tarde de primavera, no meio dum arvoredo, por detrás da Guerdache. Até nem já sabia muito bem de que ponto fora consentidora. Seis meses depois cometeu novo erro, o de ir viver para a companhia do Ragu, que nunca mais lhe falou em casamento. Depois, com o desastre que lhe sucedeu na sapataria, teve de abandonar o trabalho, justamente no momento em que a greve tornava o Ragu tão terrível, tão mau que entrou a bater-lhe, acusando-a da sua miséria. E assim foi indo

